

ENTREVISTA A JOSÉ MARTINS PRESIDENTE DA BOLSA DE CEREAIS DE BUENOS AIRES



1. JOSÉ MARTINS PRESIDENTE DA BOLSA DE CEREAIS DE BUENOS AIRES

No passado mês de abril, na qualidade de membro do CESE – Comité Económico e Social Europeu, fazendo parte de uma delegação do Comité à reunião do EUROLAT (Parlamento Europeu e Parlamentos da América Latina) em Buenos Aires, no contexto da situação de crise alimentar e de comércio de matérias-primas alimentares que o mundo vem atravessando e encontrando-me num dos maiores países exportadores do mundo de produtos alimentares, como é a Argentina, foi possível realizar uma reunião numa instituição de referência do comércio mundial de matérias-primas alimentares, como é a Bolsa de Cereais de Buenos Aires. Ao reunir na Bolsa, foi com enorme prazer que encontrei, como Presidente – Sr. José Martins, um neto de portugueses, por sinal vindos do Algarve. Foi assim possível realizar uma reunião extremamente agradável e informativa que concluiu com o compromisso de o mesmo conceder à revista “Espaço Rural” uma entrevista, o que veio a acontecer nesta edição da nossa Revista.

O conteúdo da entrevista é um oportuno contributo para melhor entendermos parte da geopolítica alimentar do mundo em que vivemos.

Francisco Silva — Secretário-Geral da CONFAGRI

argentino é um dos mais eficientes do mundo e tem sido protagonista de grandes avanços nas últimas décadas. O sistema organizacional e produtivo permitiu a rápida adoção de técnicas e a superação de barreiras financeiras e de risco, com melhorias significativas na produtividade média, que difundiram e ampliaram as sinergias sobre outras atividades económicas. Essas adoções, por sua vez, possibilitaram a melhoria dos indicadores ambientais; por exemplo, a adoção de culturas geneticamente modificadas reduziu o uso de produtos fitossanitários e sua toxicidade; Além disso, juntamente com a sementeira direta, as emissões de gases de efeito estufa foram reduzidas no equivalente ao consumo anual de 3,9 milhões de carros particulares por 25 anos e, por sua vez, permitiram um aumento de carbono orgânico sequestrado do meio ambiente nos solos de 121,1 milhões de toneladas nesse período (Bolsa de Cereales, 2021).

2. Quais são as principais regiões produtoras e produções mais significativas?

As cadeias agroalimentares desempenham um papel importante na criação de valor agregado e emprego em várias regiões do país. As três principais províncias em termos

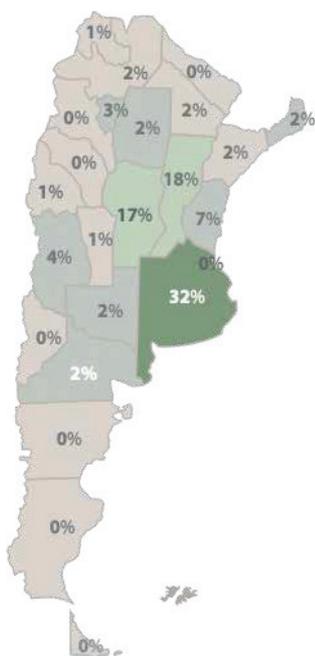
1. Como caracteriza a produção agrícola argentina?

Na Argentina, o sector agroindustrial desempenha um papel de liderança na economia e na sua matriz produtiva: responde por 16% do PIB, 22% do emprego privado e 67% das exportações, sendo praticamente o único sector que oferece intercâmbio. De facto, até agora em 2022 (até maio), todas as cadeias do agronegócio fizeram exportações líquidas de pouco mais de 41 mil milhões de dólares.

Mas, além disso, o sistema produtivo



FIGURA 1



de valor agregado para toda a cadeia do agronegócio são Buenos Aires, Santa Fé e Córdoba, que coincidem com as províncias de maior população. (Ver Figura 1)

Quando se trata de cultivos extensivos, é de destacar a importância do polo agroindustrial que está localizado no Rio Paraná, concentrando em 70 quilômetros fábricas de moagem e 22 terminais portuários capazes de carregar 166 milhões de grãos, óleos e subprodutos.

No total das cadeias agroalimentares, há uma interessante diversificação de produtos. Os 5 primeiros produtos em valor agregado são soja (21%), carne bovina (12%), milho (10%), trigo (10%) e laticínios (10%). Em uma segunda etapa estão os produtos de aves (6%), suínos (5%), a cadeia da vinha (5%), cevada (4%) e a cadeia florestal (2%). Existem também outras produções de especial importância a nível regional, como frutas, hortícolas, açúcar, erva-mate, azeitonas, entre outras.

3. O que é atualmente a Bolsa de Cereais e como funciona?

A Bolsa de Cereais é uma associação civil sem fins lucrativos, cujas principais funções são a representação dos interesses dos seus associados e a prestação de serviços, sendo a entidade empresarial mais antiga do país, fundada em 15 de maio de 1854, um ano após a aprovação da Constituição Nacional. Entre seus principais objetivos estão:

- Zelar pelo desenvolvimento da atividade econômica da República Argentina no mercado local e internacional.
- Oferecer espaços de participação e ponto de encontro aos seus sócios e dotá-los das condições gerais de transparência, concorrência, segurança e legalidade na celebração das operações registradas na entidade.
- Gerar e promover um quadro de boas práticas, políticas e processos de produção e comercialização, que favoreça a produtividade, valor acrescentado, proteção do ambiente e elevados padrões sanitários.
- Zelar pelos interesses gerais de seus sócios e das câmaras e entidades associadas.
- Promover a realização de atividades de investigação, capacitação e desenvolvimento tecnológico relacionadas à produção, industrialização e comercialização nos mercados nacional e internacional.
- Promover em seu âmbito a cotação de bens do reino vegetal, animal e mineral, patrocinando o acordo de operações comerciais sobre tais produtos ou seus derivados industriais; bem como os contratos de obras, serviços e títulos conducentes ao melhor desenvolvimento da atividade comercial registrada na entidade.

4. Quais são as principais produções agropecuárias negociadas na Bolsa?

A produção agroindustrial argentina é comercializada sob duas modalidades principais, o mercado “disponível” e o Mercado Futuro, cujas operações são realizadas pela Matba-Rofex S.A. No mercado “disponível”, as operações são negociadas entre as partes (não são realizadas no ambiente físico da entidade) e são realizadas por meio de bilhetes de compra e venda que são posteriormente registrados nas Bolsas de Valores. Os maiores volumes correspondem a soja, milho, trigo, girassol, cevada e outras culturas (sorgo).

5. A Argentina é um grande produtor e exportador de alimentos. Quais são os principais países para onde é exportada essa produção?

Os principais destinos das exportações agroindustriais, em geral, foram China (11,8%), União Europeia (10%), Índia (6,3%), Brasil (6,2%), Estados Unidos (6%) e Vietnam (3,6%). Dentro da agroindústria, a cadeia da soja representou quase 27% do valor total exportado em média entre 2018 e até agora em 2022; Em segundo lugar estão os produtos da cadeia bovina, que representaram, em média, quase 15% do valor total exportado da agroindústria

naquele período; e em terceiro lugar, a cadeia do milho (representou 10,1% do total exportado pela agroindústria).

No entanto, vale ressaltar que a importância dos diferentes destinos varia em cada uma das Cadeias. Assim, por exemplo, na cadeia da soja, os principais países que importam da Argentina são Síria, Brasil, Estados Unidos, China e Rússia. Na carne, China, União Europeia, Rússia e Israel. Já na cadeia do milho, os principais países de destino são: Vietnam, Argélia, Coreia do Sul, Egito, Chile e Peru. Enquanto na cadeia do trigo, nos últimos cinco anos a exportação realizou-se principalmente para o Brasil, Indonésia, Argélia e Chile. E, finalmente, os produtos lácteos foram exportados principalmente para o Brasil, Chile, Argélia e Rússia.

6. Como vê o futuro da alimentação no mundo?

Atualmente a população mundial representa 7.750 milhões de pessoas, mas em 2050 seremos cerca de 9.700 milhões, podendo atingir um pico de cerca de 11.000 milhões em 2100, segundo a ONU. Neste cenário de crescimento populacional, o sistema alimentar global tem conseguido aumentar a produção a um ritmo superior ao crescimento populacional, para atender a uma demanda crescente por alimentos também associada ao aumento do rendimento médio per capita, principalmente dos países emergentes. O comércio mundial, juntamente com o aumento da produtividade agrícola decorrente das inovações tecnológicas, têm desempenhado um papel fundamental, permitindo o aumento da oferta de alimentos e a diminuição dos preços como tendência de longo prazo. A FAO estima que entre 702 e 828 milhões de pessoas no mundo (ou seja, entre 8,9% e 10,5% da população mundial) enfrentaram fome em 2021. Isso significa que a fome afetou 46 milhões de pessoas a mais em 2021 do que em 2020 e um total de 150 milhões de pessoas a mais do que em 2019, antes da pandemia de COVID-19. Isso significou um retrocesso significativo em relação ao que foi alcançado em anos anteriores. E novos desafios devem ser acrescentados, relacionados à melhoria das dietas e da qualidade nutricional dos alimentos; sustentabilidade ambiental e biodiversidade, qualidade de vida dos agricultores e desenvolvimento rural. Deve evoluir-se para atender a esses novos objetivos múltiplos e inter-relacionados. Nesse sentido, defendemos que o comércio mundial se torna ainda mais importante,



2. FRANCISCO SILVA, SECRETÁRIO-GERAL DA CONFAGRI COM JOSÉ MARTINS, PRESIDENTE DA BOLSA DE CEREAIS DE BUENOS AIRES

pois contribui não apenas para a segurança alimentar, mas também para a sustentabilidade ambiental. A existência de um comércio fluido e livre de barreiras garantirá e possibilitará a transformação dos sistemas alimentares nas regiões que não possuem os recursos naturais necessários, ou os deterioraram, ou estão implementando sistemas de produção intensivos e hostis ao meio ambiente.

No futuro, vemos como o papel dos países exportadores líquidos de alimentos, como Argentina ou Brasil, se tornará ainda mais relevante. Para as próximas décadas, muitas regiões e países que não possuem os recursos naturais necessários para produzir de forma ambientalmente sustentável e a custos razoáveis a quantidade de alimentos necessária para os aumentos previstos de consumo de suas populações, terão que se abastecer por meio do comércio.

Por isso, o comércio internacional é essencial para compensar as diferenças geográficas entre produção e consumo; atuar como estabilizador dos preços internacionais diante dos frequentes eventos climáticos que afetam de forma diferenciada as diferentes regiões do

planeta; e favorecer um uso mais eficiente dos recursos naturais e sua conservação em uma perspectiva global.

7. Que consequências tem a guerra entre a Rússia e a Ucrânia para a agricultura argentina?

A guerra é vista com grande preocupação pelo sector, pois só aumenta a incerteza que os nossos produtores enfrentam a cada ano, já atingidos por adversidades climáticas e políticas desfavoráveis à atividade.

Embora a princípio os incentivos causados pelo impacto nos fluxos comerciais de preços fossem vistos como um incentivo, já em fevereiro as nossas projeções mostravam cenários parcos, ou mesmo negativos, para a produção. Logo, os grandes problemas ligados tanto à guerra quanto às respostas políticas tornaram-se perceptíveis, dentre os quais é possível destacar:

- Grande aumento nos preços de fertilizantes e outros insumos. A ureia granulada atingiu 1.350 dólares por tonelada em abril. Embora tenha caído mais tarde, em junho está 79% acima do preço do mesmo mês do ano passado. Movimentos semelhantes foram observados em outros insumos.

- Além do aumento de preços, há escassez de diesel nas regiões produtoras, o que hoje ameaça o ritmo das tarefas de colheita de grãos de verão, plantio de safras de inverno e a comercialização.

- A volatilidade dos preços de exportação devido à guerra e às adversidades climáticas aumentam as preocupações com os preços ao consumidor. Isso alimenta a retórica a favor dos controles de exportação, independentemente de sua eficácia.

- Por fim, o avolumar da incerteza macroeconômica, tanto por questões relacionadas com a guerra bem como por desequilíbrios locais, eleva o risco de novos aumentos nas taxas de exportação.

8. Como vê as intermináveis negociações entre a União Europeia e o Mercosul que já duram há quase vinte anos?

Após mais de duas décadas de negociações, em junho de 2019, o Mercosul e a União Europeia chegaram ao chamado acordo político para um acordo comercial ambicioso, equilibrado e abrangente. Do nosso ponto de vista, o Acordo com a UE serve para consolidar uma associação política e econômica estratégica e espera-se que sirva para fortalecer uma relação já fluida, abrindo novas oportunidades.

O acordo comercial proporcionaria melhores condições de acesso a bens, serviços e investimentos, reduzindo restrições e simplificando procedimentos operacionais comerciais. Após um prolongado período de estagnação nas negociações extra-regionais do Mercosul, a aprovação desse acordo não só beneficiaria o comércio entre os blocos, mas também permitiria uma maior consolidação do Mercosul ao reafirmar o processo de integração sul-americano, harmonizando as normas vigentes e simplificando os procedimentos internos. Infelizmente, desde 2019 não houve muito progresso. Estamos na fase de revisão jurídica do texto, para consolidá-lo e produzir sua versão final. Segue-se a tradução para as línguas oficiais de cada parte a ser apresentada perante os Congressos dos países membros do Mercosul e perante o Conselho e o Parlamento Europeu, do lado da UE. E uma vez obtidas as respectivas ratificações, entrará em vigor.

O sector agroindustrial argentino – e também os demais países do Mercosul – precisa necessariamente de abrir mercados e consolidar os que já possui. Esse acordo seria um pontapé inicial para ele, pois, com essa assinatura, facilita-se a realização de outros acordos, como EFTA (Acordo Europeu de Livre Comércio), Canadá ou Coreia. ●